

Memória da Dança em Pernambuco: um primeiro ensaio sobre artistas com deficiência e acessibilidade

Por Elis Costa

O Acervo RecorDança é um coletivo de pesquisadoras atuantes em Pernambuco, que, ao longo de 20 anos, vêm catalogando, organizando e difundindo a memória da dança do Estado a partir da realização de exposições, livros, seminários, publicações de textos, realização de documentários, produção de podcasts e atualização constante do acervo online. Ou, como gosto mais de dizer, vêm cuidando das memórias das danças de Pernambuco (apesar de reconhecer que nosso acervo ainda é muito centrado em Recife). O RecorDança é um pioneiro no Brasil em organizar, digitalmente, a memória da dança. Através das constantes atualizações de seu site e das suas redes, e também em eventos nacionais e internacionais, o Acervo segue, há duas décadas, divulgando as narrativas dos artistas, grupos e acontecimentos da dança local.

O trabalho de memória demanda uma constante atualização de seus conteúdos, plataformas de difusão e renovação das ferramentas voltadas para os diferentes públicos. E não é de agora que o RecorDança busca assimilar às atividades do acervo ações de acessibilidade comunicacional e vem garantindo, aos poucos, que o material disponível seja também acessado por usuários com deficiência da forma mais adequada. Ações como as citadas a seguir são algumas das iniciativas que o Acervo vem adotando nesse sentido: promover visita guiada em exposição do Acervo com tradução em Libras para pessoas com deficiência auditiva; disponibilização de legendas em Braille nas mesmas ocasiões; produção de podcasts como resultado de projetos de pesquisas, facilitando o acesso a pessoas com deficiência visual. Na última reformulação do nosso site, também agregamos a sua estrutura ferramentas de acessibilidade voltadas às pessoas cegas, com baixa visão e daltonismo.

Segundo o site do FUNCULTURA, no senso realizado em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que 23,9% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência, o que, em números absolutos, são mais de 45 milhões de brasileiros. Já em Pernambuco, cerca de 2,5 milhões dos residentes apresentam algum tipo de deficiência, o que representa 27,58% da população do estado. Desde 2010, Pernambuco presencia a utilização de ferramentas de acessibilidade nos trabalhos de dança realizados no estado, iniciada na programação do extinto Festival Palco Giratório – Recife, promovido pelo SESC Pernambuco. Foi, nesse ano de 2010, por exemplo, que tivemos, pela primeira vez no estado, um espetáculo de dança realizado com recurso de audiodescrição (AD), o espetáculo LEVE do Coletivo Lugar Comum (PE). Em 2012, após solicitações dos produtores culturais e debates junto à Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos de Pernambuco (SDSDH), os editais do Funcultura adotaram

como política o incentivo a esse olhar mais largo e atento nas produções pernambucanas.

Visto que, até então, não existia uma memória organizada desse percurso na dança em Pernambuco, assim como de artistas com deficiência atuantes no estado, o projeto "Memória da dança em Pernambuco: artistas com deficiência e acessibilidade" procurou levantar estes primeiros dados e registros. Um dado curioso - ao mesmo tempo revelador do tempo da cultura neste pós-pandemia - é que o projeto foi escrito ainda no primeiro semestre de 2021, quando a primeira apresentação de LEVE com AD completava 11 anos. Constatar esta primeira década foi o que despertou o desejo de registrar essa história até aqui.

A primeira ação realizada nesse nosso percurso foi a de buscar uma consultoria com profissionais de acessibilidade comunicacional, com e sem deficiência, para que estivesse junto conosco em todas as etapas do projeto. Neste momento é que se estabeleceu a nossa parceria com a VouSer Acessibilidade. Não há dúvidas de que Andreza Nóbrega, criadora da VouSer, é uma profissional referência no assunto em Pernambuco e no país, mas o que nos mobilizou definitivamente para ela foi por antes saber que ela mesma havia sido a responsável pela criação da audiodescrição de LEVE, lá trás em 2010, a primeira do estado feita para dança, como já sabido. E essa foi uma decisão que fez toda a diferença na condução desse projeto. No meio do percurso, reconhecemos Andreza como orientadora desta nossa pesquisa. Com ela, tivemos encontros periódicos e suas observações redirecionaram muitas vezes nossos passos. Foi Andreza quem sinalizou a importância de um formulário inclusivo para os mapeamentos, o que nos mobilizou em outros níveis de compreensão, nos assessorando na criação de estratégias de comunicação direcionadas à diversidade de experiências corporais, nos auxiliando na mediação de contatos com o público específico, nos proporcionando - junto a sua equipe - orientação sobre as estratégias de acesso, abordagem adequada e etc. A parceria com a VouSer foi imprescindível para a realização dessa pesquisa.

A ação seguinte do projeto foi a realização de 2 mapeamentos: um primeiro destinado aos artistas e às artistas da dança com deficiência do estado de Pernambuco, a fim de reconhecer e registrar esses nomes na memória da dança pernambucana, assim como suas histórias e questões; e um segundo, destinado aos artistas e às artistas da dança do estado com produções acessíveis ou que já contaram com algum recurso de acessibilidade em seus trabalhos, garantindo parte desse significativo registro, já que Pernambuco foi um dos primeiros estados brasileiros a abraçar essa atitude. Como supracitado, a orientação de Andreza nesse momento fez com que conseguíssemos que ambos os formulários contassem com Libras, o que para nós poderia significar a adesão de mais pessoas ao mapeamento. Vale registrar que esse trabalho não foi simples e rápido, exigindo de nós muita negociação entre nossos desejos e a realidade disponível.

Formulários prontos e no ar, disponibilizamos eles nas nossas redes sociais e iniciamos a divulgação. Contamos, para isso, com uma assessoria de imprensa. Produzimos material de divulgação com legenda e Libras. Enviamos pessoalmente e individualmente o convite para algumas pessoas participarem. Ainda assim, não consideramos satisfatória a adesão aos nossos chamamentos. Iniciamos a divulgação dia 15/05/2023 e tínhamos como primeiro prazo o dia 02/06. No dia primeiro de junho, anunciamos a prorrogação para o próximo dia 11. Ainda assim, não alcançamos um retorno esperado, o que nos deixa desconfortáveis em dizer se tratar de mapeamentos em si. Reconhecemos a grande importância das respostas coletadas, assim como o valor de seus conteúdos que aqui (abaixo) disponibilizamos, mas não é possível dizer se tratar de algo que seja representativo, infelizmente. Atribuimos essa resposta a muitos fatores, como o período de muitos editais abertos após longo período de escassez de oportunidades, assim como uma ineficiência nossa na localização e contato eficiente com este público específico de artistas com deficiência, apesar de toda assessoria. Esse ponto nos aponta a necessidade de uma longa reflexão, de um mergulho sobre as pontes possíveis e impossíveis de erguer entre as diferenças, das consequências de traumas e ausência de movimentos de reparação.

Ainda assim, os retornos obtidos com os formulários foram fundamentais para a realização da etapa seguinte: realização de cinco entrevistas em vídeo com alguns dos artistas e das artistas mapeadas. Foram escolhidos dois artistas que participaram de espetáculos/obras com acessibilidade e três artistas com deficiência, a partir das respostas compartilhadas. São eles, respectivamente: Andreza Nóbrega, Jefferson Figueirêdo, John Lopes, Matheus Pimentel e Victor Marley. Com foco nas experiências pessoais desses criadores, essas entrevistas foram importantes para refletir sobre os dados levantados pelo mapeamento, e para o desenho desta narrativa. Também nessa fase do projeto, contamos com consultoria para compreender os profissionais representativos a serem contemplados nesse momento, e também para viabilizar a própria realização das entrevistas, mediando a comunicação entre nossa equipe e a pessoa entrevistada, quando necessário. A captação e edição de imagens das entrevistas ficou por conta do nosso parceiro Zé Diniz.

A escolha por Andreza Nóbrega se deu pela sua participação ativa nessa história da acessibilidade na dança já aqui anunciada. Mesmo ela fazendo parte de nossa equipe, achamos que não poderíamos perder essa oportunidade de registrar sua fala dentro do recorte dessa pesquisa, visto que ela esteve diretamente envolvida com a criação da AD para o espetáculo LEVE em 2010 e segue atuando na área. Jefferson Figueirêdo também nos trouxe uma significativa bagagem em seu formulário quanto a sua experiência com acessibilidade, seja como professor, artista, pesquisador. Os demais entrevistados, John, Matheus e Victor, artistas com deficiência, foram escolhidos pelo que representam na cena da cidade do Recife.

Como complemento das ações resultantes da pesquisa, foram recriados o roteiro e a locução da audiodescrição do espetáculo LEVE, ambas por Andreza Nóbrega, com colaboração artística das artistas da dança Liana Gesteira, Maria Agreli e Renata Muniz, e consultoria de audiodescrição de Milton Carvalho. Essa versão do registro do espetáculo LEVE com audiodescrição está sendo agora, com a conclusão desse projeto, incluída no site do Acervo RecorDança. Essa ação tem sua importância justificada por ser esse um marco da audiodescrição para espetáculos de dança no estado, cujo arquivo original, elaborado e desenvolvido pela VouSer Acessibilidade e Produções Ltda, fora perdido, tendo em vista a precariedade do arquivamento da memória das produções em dança. A ação é um resgate histórico, cujo desejo é registrar essa importante referência para a dança de Pernambuco e estimular a continuidade desse serviço em atividades artísticas, assim como impulsionar a doação de roteiros e registros/obras com AD ao acervo, garantindo a continuação e ampliação dessa memória daqui para frente.

O projeto "Memória da dança em Pernambuco: artistas com deficiência e acessibilidade" conta ainda, como parte suas ações, com a escrita deste relato/ensaio, condensando alguns desses dados e reflexões sobre seu percurso, que ficará disponibilizado gratuitamente no site no Acervo RecorDança, para consulta. E também com uma apresentação pública dessa pesquisa de forma online, com recurso de Libras, pelo canal do YouTube do Acervo. Essa apresentação está gravada e disponível no nosso canal e nosso site. Para acessá-la você pode visitar o [youtube.com/AcervoRecordanca](https://www.youtube.com/AcervoRecordanca) ou www.acervorecordanca.com.

Realização, recolhimento e partilha de dados - mapeamentos

Por Taína Veríssimo

No desejo de reunir informações sobre criações em Dança em Pernambuco, acessíveis ou que contam/contaram com recursos de acessibilidade comunicacional e artistas da Dança com deficiência atuantes no estado, a equipe do acervo lançou dois formulários online. O primeiro poderia ser preenchido por pessoas com e sem deficiência envolvidas nas criações e o segundo, voltado para o preenchimento por artistas com deficiência para a elaboração destes perfis. Ambos estiveram disponíveis entre os dias 15/05/23 e 11/06/23, formados por vinte e oito perguntas elaboradas pela equipe de pesquisadoras do projeto, que conta com Ailce Moreira, Elis Costa, Ju Brainer e Taína Veríssimo, em parceria com a VouSer Acessibilidade, através de Andreza Nóbrega, que foram também traduzidas em Libras por Efraim Canuto.

O recolhimento das informações advindas da participação dos formulários nos auxiliou na escolha das pessoas a serem entrevistadas pelo projeto, na elaboração

dos roteiros das entrevistas, e neste momento iremos apresentar e refletir sobre algumas das respostas obtidas. No formulário 1. **CRIAÇÕES EM DANÇA ACESSÍVEIS OU COM ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL**, consideramos: A) **CRIAÇÕES COM ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL**: produções que tenham algum dos recursos de acessibilidade comunicacional, como, por exemplo, audiodescrição (AD), Libras, legendas para surdos e ensurdecidos (LSE), etc.; e B) **CRIAÇÕES ACESSÍVEIS**: trabalhos que tenham a acessibilidade como um elemento desde o seu processo criativo, e que, por isso, podem ser fruídos por todas as pessoas (com e sem deficiências) sem a necessidade de tradução através de recursos de acessibilidade comunicacional, ou seja, que tragam em sua concepção as dimensões artística e criativa da própria acessibilidade.

Quanto aos perfis das sete pessoas que responderam a este primeiro formulário, todas são pessoas sem deficiência. Essas pessoas estão concentradas na Região Metropolitana do Recife e atuam como profissionais, e não como estudantes ou amadores, atuando, principalmente, como artistas e na produção. São artistas que se encaixam na faixa etária entre 26 e 60 anos, cinco delas contando com pós-graduação e que possuem entre seis a mais de 20 anos de atuação na Dança, o que nos leva a refletir que esse preenchimento pode sugerir que a experiência na área pode estar relacionada com a disponibilidade para o preenchimento de um formulário de mapeamento, reconhecendo sua importância. Porém, a participação da classe artística no preenchimento e sua abrangência no estado não foi satisfatória, reconhecendo a necessidade de dar continuidade a esse levantamento.

Quando perguntados sobre as criações com acessibilidade comunicacional e acessíveis de que participaram, os artistas que preencheram o formulário 1 citaram os projetos *Eu e Tu no Forró* de Marília Santiago e *Frevo às Cegas* de Danielle França; os espetáculos *Os Superficiais*, *Tandan!*, as videodanças *Dança Macabra* e *Maxixe* da Cia. Etc.; os espetáculos *Um Pano que Limpa o Tempo*, *Passo, Três Mulheres* e *Um Bordado de Sol* da Compassos Cia. de Danças; os espetáculos *Cicatriz* do Coletivo Lugar Comum; *Lumiar* de Marina Mahmood; *Roda de Terreiro* e a videodança *Na Sola do Pé* da Cia. Artefolia. Dos 12 trabalhos citados, cinco deles tiveram motivação da própria produção para contar com acessibilidade comunicacional ou ser acessível; nos demais, é citada a exigência do edital, de festivais ou estaria relacionada à participação em projetos de terceiros. Assim, a amostragem aponta para um alcance de mais obras com acessibilidade devido ao posicionamento dessas instituições e políticas afirmativas.

Ressaltamos que os espetáculos *Tandan!* e *Cicatriz* constam nas respostas tanto de obras com acessibilidade comunicacional quanto de obras acessíveis e que, com exceção dessas obras, as demais criações contaram com acessibilidade comunicacional em algumas apresentações. Dessa forma, não contemplando o público com deficiência em 100% das apresentações. Outro fato é que a

acessibilidade comunicacional nos trabalhos citados é voltada, principalmente, para pessoas surdas e cegas.

Quando perguntadas sobre suas participações em obras de Dança com artistas com deficiência, são citadas apenas três: uma coreografia de forró com Ivanilton Leão, pessoa com deficiência visual; o espetáculo *GALA* de Jérôme Bel, que contou com John Lopes, artista com deficiência física, e Marcos Gabriel; e o projeto LAB de Artistas com Luana Perrusi, pessoa com deficiência física.

Em relação ao compartilhamento de memórias de experiências com criações acessíveis, com acessibilidade ou junto a artistas com deficiência, são lembradas a abertura de novas sensibilidades para o modo de como entrar em contato com o público de pessoas com deficiência; também a necessidade de realizar uma aproximação efetiva e afetiva com a consultoria, possibilitando ousar na criação de uma obra acessível a pessoas cegas; e ainda de poder carregar no corpo em movimento a consultoria feita por uma pessoa cega. O que sinaliza para algumas das contribuições mútuas que se realizam durante esses encontros.

Sobre os desafios em realizar obras com acessibilidade, são citados, principalmente, a escassez de recursos nos editais para a contemplação satisfatória das ferramentas de acessibilidade nas criações, assim como a não acessibilidade das instalações teatrais para o acolhimento do público com deficiência. Também é colocado como desafio a alteração da percepção para criar pensando em quem não vê, no caso de obra acessível a pessoas com deficiência visual.

Por fim, quando solicitados a sugerirem como a Dança poderia se tornar mais acessível no estado, temos: ampliar os recursos dos editais públicos, garantir que os equipamentos públicos garantam os recursos de acessibilidade, possibilitar a presença do público de pessoas com deficiência a quem se destina a acessibilidade, ampliar o diálogo entre artistas com e sem deficiência, capacitação para gestores dos estabelecimentos e contratação de pessoas com deficiência.

Já no formulário 2. *PERFIL DO ARTISTA COM DEFICIÊNCIA*, foram obtidas três respostas, porém, a partir do preenchimento, foi possível identificar que uma das pessoas que respondeu não possui atuação em Dança em Pernambuco. Dessa forma, vamos aqui considerar apenas os dados oferecidos por Matheus Pimentel, artista com deficiência física, e Victor Marley, artista com deficiência auditiva.

A pouca adesão ao mapeamento nos leva a refletir sobre algumas hipóteses, considerando, primeiramente, que, apesar das estratégias utilizadas de comunicação, o público desejado não foi largamente alcançado. Outra possibilidade é o fato de parte desses artistas acessarem a Dança através de instituições voltadas a pessoas com deficiência, onde existe um circuito artístico, porém, não integrado à cena de Dança fora desses espaços, o que pode contribuir para o não

reconhecimento de si como artista da Dança e, assim, conseqüentemente, o não preenchimento do formulário.

Sobre os perfis dos artistas com deficiência que responderam ao formulário, estes se encontram na faixa etária entre 19 e 35 anos, possuem entre seis e 15 anos de atuação na Dança, desempenhando funções de artistas e coreógrafos; os dois possuindo ou em curso no ensino superior e que atuam como artistas solo, não integrando grupos ou coletivos artísticos. Nos dois casos, a Dança é uma fonte de renda, seja principal ou secundária. Observa-se, assim, uma geração um pouco mais jovem do que as pessoas que preencheram o outro formulário.

Victor Marley é o primeiro estudante de Dança surdo do curso da UFPE e tem o desejo de ser professor de Dança, pois identifica que não há professor surdo de Dança em Pernambuco. “Eu preciso aproveitar para fazer um professor surdo de Dança representar”, afirma. Sua participação na realização do mapeamento resultou em sua entrevista que está disponível no canal no YouTube e no site do acervo.

Matheus Pimentel é porta voz do frevo e passista de frevo, sendo o primeiro passista de frevo usuário de cadeira de rodas da Escola de Frevo do Recife, fato que promoveu uma reforma na escola para que se tornasse mais acessível a pessoas usuárias de cadeira de rodas. Foi consagrado Rei do Carnaval da Pessoa com Deficiência do Recife em 2023; recebeu título de primeiro lugar no solo de jazz masculino no Festival de Dança Sacra de Joinville e bailarino revelação nacional, além de, atualmente, ser o único usuário de cadeira de rodas que é sapateador no Brasil. É também pedagogo, arte-educador, quadrilheiro, ator e poeta. Matheus é também um dos artistas com deficiência entrevistados pelo projeto.

Em suas respostas ao formulário sobre as obras em que participaram e que possuíam acessibilidade comunicacional, foram citadas: o espetáculo *Ensaio sobre o Silêncio* que contou com Libras, de Taciana Gomes; o projeto *Arte Improvisação X Improvisação*, que teve audiodescrição, de Victor Marley; e o espetáculo *Matulão de Dança*, que teve Libras, do grupo Matulão.

Em suas experiências como público de Dança, esses artistas sinalizam que costumam assistir a trabalhos de Dança com frequência, porém, apontam que essas obras não costumam ser acessíveis a pessoas com deficiência. Victor afirma que, inclusive, nunca assistiu a um espetáculo de Dança com recursos de acessibilidade comunicacional. Além de que pontuam também que os trabalhos de Dança que os interessam possuem artistas com deficiência em cena, o que demonstra como a representatividade se faz necessária.

Quando questionados sobre os desafios enfrentados como artistas com deficiência na área da Dança, citam a falta de acessibilidade física nos equipamentos, considerando palcos, camarins, etc; de intérprete de Libras; de editais específicos e

de facilidade nas inscrições dos mesmos; de oportunidades em grandes festivais e em audições para espetáculos. Essas inquietações suscitam a longa caminhada ainda necessária para a real inclusão desses artistas na Dança em Pernambuco.

As respostas ao final do formulário sugerem que a Dança pode se tornar mais acessível no Estado de Pernambuco reduzindo as barreiras na comunicação, realizando congressos periódicos a fim de colocar pessoas sem deficiências da área da Dança como espectadoras e elaborando mostras que possam mesclar diferentes artistas da Dança atuantes no estado.

Como dito, a partir das informações coletadas através do preenchimento dos formulários se desenhou as demais etapas do projeto de produção e realização das entrevistas, para garantir a disponibilização das memórias que esses artistas da Dança com deficiência vêm produzindo em Pernambuco, bem como difundir as criações e profissionais envolvidos na ampliação do acesso à Dança para as pessoas com deficiência.

Diminuir abismos, construir Histórias

Por Ju Brainer

Qualquer mulher ou homem contemporâneo, quando perguntado sobre os aspectos mais importantes de sua vida, irá responder, invariavelmente, o trabalho, a família ou a família e o trabalho (Souza, 2021, p. 89). Essa é uma construção que chega até nós a partir da colonização e que traz consigo preceitos das religiões cristãs que tentam universalizar o nosso comportamento moral¹.

Logo, qualquer pessoa que, por algum motivo, não puder realizar essas ações no nosso mundo, trabalhar e constituir família, é colocada em um lugar de não merecimento de respeito ou dignidade. É vista como uma pessoa não realizada, impedida de ser/ter o que fomos feitos para fazer na vida. A depender dos motivos que levam a pessoa a não cumprir esse papel social, elas podem até serem excluídas dos seus grupos de familiares e amigos.

¹ Num capítulo do livro “Como o racismo criou o Brasil”, Jessé Souza descreve como chegamos até a moral que conhecemos e vivemos hoje. Em um dos textos do livro, intitulado “A moralidade pós-religião”, quando o autor diz que a família e o trabalho seriam os aspectos mais importantes da vida de mulheres e homens contemporâneos, ele explica que esse foi o legado que a construção religiosa, mesmo quando não existente no indivíduo, deixou nas relações sociais do Ocidente. Ele estabelece, assim, uma forma de diferenciar o privilégio de uns poucos, mas sendo estabelecido por um conceito religioso como uma norma universal, colocando o desempenho diferencial no trabalho. Antes, a pessoa encontrava consolo na salvação “além deste mundo”, afirma Jessé, agora, a dimensão do trabalho como realização profissional e a do amor e da amizade como realização afetiva constroem toda a gramática moral e valorativa para que possamos doar sentido à realidade, à nossa vida, mesmo no mundo secular, transitório e desencantado que habitamos. Essas fontes morais nos permitem imaginar uma “salvação neste mundo”, mesmo no contexto de uma vida finita e transitória, mas com sentido e orientação valorativa.

Quando pensamos em uma pessoa com deficiência, nascida dentro de um espaço como esse, entendemos, então, a sua dificuldade de se enquadrar nesse modelo, especialmente porque essa possibilidade pode lhe ser negada devido a sua condição. Na exposição *Passado, presente, movimento: dança de 80 pelo olhar do Acervo RecorDança* realizada em 2016, na UFPE, tivemos a visita de alunos da escola SUVAG (escola para surdos em Recife), o que nos deu a possibilidade de entender um pouco da realidade desses visitantes. Um deles disse que não poderia fazer teatro porque só havia ouvintes nesse meio; outro disse que nunca foi a um teatro da cidade. Quer dizer, a eles é relegado um lugar limitado por não poderem, muitas vezes, mover, agir ou produzir como se espera de pessoas sem deficiência.

Foi pensando nisso que, quando participei desse projeto, tendo oportunidade de me aproximar de pessoas com diversas deficiências, me impressionou as suas trajetórias que vão muito além de romper o padrão de comportamento normativo. Eles se tornaram artistas da Dança, construindo, assim, seu próprio formato de realização.

Para a sociedade, historicamente, o lugar da pessoa com deficiência seria, se muito, na plateia, como público, e só quando há acesso adequado, espaço e/ou intérpretes. Isto é, numa sociedade moldada pela padronização de corpos, é sintomática a exclusão dos corpos divergentes do que foi estabelecido como norma, impossibilitando seu reconhecimento como pessoa criadora.

Esse estigma sobre as pessoas com deficiência estimula, na verdade, uma reflexão necessária sobre como a presença desses corpos na Dança contribuem para a diversificação dessa área do conhecimento, pois rompem padrões e extrapolam estruturas limitantes que se encontram presentes também nas artes. Tendo suas vidas agora dedicadas a desenvolver sua arte e a promovê-la na vida de outros em condições semelhantes, John, Matheus e Victor constroem várias pontes nesse meio. Diminuem abismos entre pessoas com e sem deficiência, na Dança e fora dela. É através dessas relações que as Histórias serão contadas, que memórias serão vividas e guardadas.

Para tanto, é necessária a presença daquelas pessoas que ajudam na construção dessas relações, são intérpretes e/ou, nesse caso, professores da arte da Dança que se propõem ou vêem também nesses corpos possibilidades de criação artística. Andreza e Jefferson representam nesse projeto aquelas pessoas sem deficiência que, junto às pessoas com deficiência, estão criando novas realidades na Dança e, portanto, exercendo o precioso trabalho de ampliar cada vez mais o nosso panorama social e a nossa História.

Perspectivas presentes: caminhos abertos, possibilidades futuras

Por Ailce Moreira

Ao escrevermos o projeto “Memória da dança em Pernambuco: artistas com deficiência e acessibilidade”, como pesquisadoras, desejávamos que uma abundante parcela do que vem sendo produzido nas danças pernambucanas por artistas com deficiência e com recursos de acessibilidade comunicacional chegassem aos nossos cuidados pela via da memória. Não aconteceu. Consultorias realizadas, formulários acessíveis, mapeamentos prorrogados, contatos pessoais não foram suficientes.

As respostas que obtivemos em cada formulário foram preciosíssimas, entretanto, não eram quantitativamente bastantes para afirmarmos que havíamos conseguido fazer mapeamentos completos. Após a conclusão dos formulários, por exemplo, conhecemos outros três artistas da dança com deficiência que não chegaram a preenchê-los, o que já dobraria a amostra dessa parcela de artistas em relação àqueles que responderam nossas questões. E imaginamos que existam muitos outros! Sendo assim, nosso primeiro desafio foi lidar com a insistente pergunta: por quê? E logo em seguida: que vestígios, indícios, pistas, as respostas (ou ausência delas) nos trazem sobre o contexto da produção de artistas com deficiência e acessibilidade na dança?

Sem dúvida, esse foi um projeto pelo qual não passamos ilesas. Desde o início, foi exigido de nós, pesquisadoras sem deficiência, baixar a guarda; lidar com nosso próprio capacitismo; admitir que, por vezes, quem precisa de acessibilidade somos nós, ou melhor, aprender que acessibilidade é para todas as pessoas. Para além das experiências de trabalho, o projeto nos permitiu viver um espaço seguro, no qual, com auxílio de Milton Carvalho, pessoa com deficiência, em um determinado dia de consultoria, pudemos abrir o coração e as dúvidas sem medo de julgamento e disponíveis para o aprendizado. Essa experiência assim como as entrevistas e o desenrolar como um todo do projeto mexeram em lugares profundos e transformaram nosso olhar sobre o mundo e sobre as pessoas.

Por isso, hoje, ao olharmos para estes últimos meses, percebemos que as perguntas inquietantes da fase imediatamente seguinte ao fechamento dos formulários de mapeamentos assentaram e encontraram lugar. Mais do que isso: mudaram nossas perspectivas sobre o projeto. Fomos da frustração das expectativas à construção de possibilidades futuras.

No trabalho de acervar, descobrimos, há algum tempo, o conceito de “perdas provisórias”. Para nós, ele traz a dimensão de que sempre estaremos “correndo atrás da História”, que, teimosamente, se escreve e pretende viva no pulso cotidiano da vida. Além disso, entendemos que sempre há de haver lacunas, fissuras,

brechas entre o que conseguimos cuidar e guardar da memória e a totalidade dos acontecimentos em suas diversas dimensões. Porém, o que se “perde” nem sempre precisa estar “perdido” para sempre. O ir e vir da historiografia nos apresenta de forma graciosa a provisoriedade das circunstâncias.

Sendo assim, consideramos que, através desse projeto, abrimos caminhos possíveis de aproximação de uma comunidade dançante formada por pessoas com deficiência, muitas vezes, colocadas à margem do circuito artístico e profissional da Dança; de fortalecimento para o desenvolvimento e manutenção de políticas públicas afirmativas para pessoas com deficiência estarem na Dança, sendo artistas ou não; de afirmação, legitimação e reconhecimento de uma produção criativa que existe e é imensa, construídos juntamente com os e as artistas com deficiência. Que venham mais pesquisas, trabalhos e inquietações como resultados dos potentes encontros que pudemos ter nesse projeto, pois entendemos a necessidade de criar pontes e fortalecer relações para que essa pesquisa seja apenas o começo, um estímulo possível, para que cada dia mais a Dança se torne de todas e para todas as pessoas.

Referência

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.